

CUYABA GOLDEN HOTEL: Um projeto inacabado de modernidade

CUYABA GOLDEN HOTEL:
Un proyecto inacabado de modernidad

CUYABA GOLDEN HOTEL:
An unfinished project of modernity

Ricardo Silveira Castor

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT.

E-mail: rscastor@ufmt.br  orcid.org/0000-0002-9338-5426

Matheus F. Cruz

Graduando do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT.

E-mail: mfcruz.90@gmail.com  orcid.org/0000-0002-3005-3918

Thaiz F. Pessoa

Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT.

E-mail: thaizpessoa@hotmail.com  orcid.org/0000-0003-4758-6339

Gabriel A. R. Santos

Graduando do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT.

E-mail: gabriel_alves03@hotmail.com  orcid.org/0000-0001-5039-5520

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é reconhecer e analisar as qualidades históricas e arquitetônicas de um dos marcos da arquitetura moderna mato-grossense, o Cuyaba Golden Hotel, projetado em meados dos anos 1980 pelo escritório paulistano Botti Rubin, confrontando as prescrições do projeto original com seu conturbado e até hoje inacabado processo de execução. Busca-se esclarecer o potencial simbólico do prédio enquanto marco urbanístico da paisagem mais verticalizada, moderna e pujante da cidade de Cuiabá, definida pela avenida Historiador Rubens de Mendonça. Trata-se de um edifício de quinze andares estruturado em concreto armado cuja arquitetura assinala uma fase de transição da cultura arquitetônica mato-grossense e brasileira. O projeto original mescla preceitos do chamado brutalismo paulista a uma série de inovações plásticas e construtivas que marcaram os anos 1980 como um período de experimentações em torno das correntes hegemônicas da arquitetura moderna brasileira. O trabalho baseia-se em fontes primárias como as pranchas dos projetos originais e das reformas sofridas pelo mesmo durante a execução das obras. Recorreu-se ainda a entrevistas com os autores do projeto e outros profissionais envolvidos em sua construção. Espera-se, dessa forma, preencher uma lacuna na história da arquitetura moderna de Mato Grosso, ao favorecer o reconhecimento do caráter desbravador, tanto do projeto do hotel, quanto das frentes de colonização que indiretamente lhe deram origem.

Palavras-chave: Arquitetura – Hotéis; Arquitetura hoteleira; Arquitetura moderna – Cuiabá; Botti Rubin Arquitetos; Mato Grosso - Arquitetura Moderna.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es reconocer y analizar las cualidades históricas y arquitectónicas de uno de los marcos de la arquitectura moderna de Mato Grosso, el Cuyaba Golden Hotel, proyectado a mediados de los años 1980 por la oficina paulistana Botti Rubin, confrontando las prescripciones del proyecto original con su conturbado y hasta hoy inacabado proceso de ejecución. Se busca esclarecer el potencial simbólico del edificio como marco urbanístico del paisaje más verticalizado, moderno y pujante de la ciudad de Cuiabá, definida por la avenida Historiador Rubens de Mendonça. Se trata de un edificio de quince pisos estructurado en concreto armado cuya arquitectura señala una fase de transición de la cultura arquitectónica de Mato Grosso y de Brasil. El proyecto original mezcla los preceptos del llamado brutalismo paulista a una serie de innovaciones plásticas y constructivas que marcaron los años 1980 como un período de experimentos en torno a las corrientes hegemónicas de la arquitectura moderna brasileña. El trabajo se basa en fuentes primarias como las planchas de los proyectos originales y las reformas sufridas por el mismo durante la ejecución de las obras. Se recurrió a entrevistas con los autores del proyecto y otros profesionales involucrados en su construcción. Se espera, de esa forma, llenar una laguna en la historia de la arquitectura moderna de Mato Grosso, al favorecer el reconocimiento del carácter desbravador, tanto del proyecto del hotel, como de los frentes de colonización que indirectamente le dieron origen.

Palabras clave: Arquitectura - Hoteles; Arquitectura hotelera; Arquitectura moderna - Cuiabá; Botti Rubin Arquitectos; Mato Grosso - Arquitectura Moderna.

ABSTRACT

This is a research is to recognize and analyze the historical and architectural qualities of one of the milestones of modern Mato Grosso architecture, the Cuyaba Golden Hotel, designed in the mid-1980s by the São Paulo office Botti Rubin, confronting the prescriptions of the original project with its troubled and to this day unfinished implementation process. It seeks to clarify the symbolic potential of the building as an urban landmark of a verticalized, modern and thriving landscape of the city of Cuiabá, defined by the avenida Historiador Rubens de Mendonça. It is a fifteen-story building structured in reinforced concrete which architecture marks a transition phase of the Mato Grosso and Brazilian architectural culture. The original project merges precepts of the so-called brutalism of São Paulo with a series of plastic and constructive innovations that marked the 1980s as a period of experimentation around the hegemonic currents of modern Brazilian architecture. The work is based on primary sources such as the drawings of the original projects and the reforms undergone during its building. Interviews with the design authors and other professionals involved in its construction were used. It is hoped, therefore, to fill a gap in the history of modern architecture of Mato Grosso, by recognizing the pioneering character of both the hotel project and the entrepreneurship that indirectly gave rise to it.

Keywords: Architecture – Hotels; Botti Rubin Architects; Cuiabá – Modern Architecture; Hotel Architecture; Mato Grosso – Modern Architecture.

Introdução

A história de modernização urbana de Cuiabá confunde-se com a das artérias viárias que direcionaram seu crescimento acelerado a partir de final dos anos 1960: a Via Perimetral (atual avenida Miguel Sutil), que contorna o centro antigo da cidade, e Avenida Historiador Rubens de Mendonça (mais conhecida como avenida do CPA) que interliga o degradado centro histórico à parte mais valorizada e moderna da capital, rumo ao Centro Político-Administrativo do Estado (CPA). A história mostra que ambas surgiram numa dupla tentativa de nortear a implantação dos novos bairros e, ao mesmo tempo, contribuir para a preservação dos antigos. As sementes dessas duas históricas realizações viárias foram lançadas, quase simultaneamente, pelas mãos predestinadas de um mesmo personagem: o arquiteto cuiabano Moacyr Freitas (n. em 1930). Diplomado em 1961 pela Faculdade Nacional de Arquitetura, do Rio de Janeiro, o arquiteto regressa à sua terra natal com a missão auto imposta de requalificá-la urbanisticamente. O fato de ter atuado concomitantemente nos Departamentos de Obras do Estado e da Prefeitura Municipal dá a dimensão da demanda por profissionais de arquitetura na Cuiabá

da época, que já acusava os primeiros impactos das políticas nacionais de desenvolvimento e integração territorial. Incentivos à colonização das terras devolutas do centro-oeste brasileiro acabariam por estender as fronteiras agrícolas do país em direção ao norte do Estado, desencadeando ondas migratórias que fariam a população da capital quadruplicar em vinte anos, saltando dos estimados 50.000 habitantes, no final da década de 1960, para mais de 200.000 no final dos anos 1980 (IBGE).

Nesse contexto desafiador, urgia disciplinar o crescimento urbano que transformava aos poucos fisionomia da cidade, ameaçando seriamente a integridade do centro histórico da cidade. A traumática demolição da Basílica do Senhor Bom Jesus em 1968, maior símbolo do passado colonial da cidade, conferia um sentido de urgência ao direcionamento da expansão urbana para além do seu perímetro histórico. Avesso aos rodeios da política e dos jogos de poder, Moacyr Freitas fez-se ouvir por meio dos desenhos e da determinação obstinada para concretizá-los. Deve-se a ele o primeiro anel viário da cidade, aberto à revelia do prefeito municipal:

O próprio prefeito Frederico Campos não tinha, no início, conheci-

mento do que eu fazia [...]. Esta era uma obra de urgência e, mal rabiscava um esboço do traçado, saía com meus auxiliares para prolongar a futura via [...] (FREITAS, 2003).

A urgência, no caso, referia-se ao processo de renovação destrutiva que se abatia sobre o patrimônio histórico do centro:

Era precária a situação das vias centrais com o trânsito crescente dos automóveis. Caminhões de carga pesada trafegavam pelas antigas vias da cidade calçadas com paralelepípedo, desmantelando-os constantemente, porque não possuíam, perfeitamente esta forma geométrica. A tonelagem daqueles veículos, cada vez maior, condenava o futuro das nossas vias históricas que não foram preparadas para eles. (FREITAS, 2003)

Se a avenida Perimetral envolvia o velho centro, a avenida do CPA apontava para o novo. A ideia de implantar um moderno centro político para a cidade, com sua respectiva avenida de acesso, também pode ser atribuída a Moacyr Freitas. Seus esboços de uma praça cívica cercada de palácios tão monumentais quanto vanguardistas constituem o embrião do atual centro político do Estado, efetivamente implantado a partir de 1972 no extremo norte da cidade. A ampla e arborizada avenida viria a

ser converter no mais valorizado corredor comercial e de serviços da cidade, concentrando os importantes marcos da verticalização urbana da cidade: um mostruário das novidades arquitetônicas que agitaram a cena arquitetônica nacional a partir dos anos 1970 e orgulhavam a elite local como símbolo de progresso e prosperidade.

No cruzamento dessa avenida com a referida Via Perimetral (Figura 1) ergue-se o edifício do Cuyaba Golden Hotel, cuja arquitetura constitui objeto desta pesquisa. O prédio ocupa local de destaque nesse processo contraditório de expansão e modernização da cidade de Cuiabá. O fato de situar-se junto ao cruzamento das duas artérias que balizaram esse crescimento é sintomático de seu destacado papel no quadro de transformações urbanas e regionais da época. Não é menos significativo o fato de ter sido financiado por crédito da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), já que os programas de desbravamento do norte de Mato Grosso estavam por trás das investidas modernizadoras que transfiguravam sua capital. Com a abertura da estrada Cuiabá-Santarém (BR-163), no início da década de 1970, os cofres estaduais passaram a se beneficiar das

negociações de terras em sua zona de influência. O próprio complexo do Centro Político-Administrativo de Mato Grosso (CPA) teria sido financiado pelo mercado fundiário desbravado pela BR-163:

Com os recursos arrecadados, o Governo do Estado construiu o CPA, o estádio Verdão e o Colégio Estadual Presidente Médici. Além dessas obras, o governo investiu na linha de transmissão de energia elétrica de Cachoeira Dourada – cerca de 640 quilômetros. (AMARAL apud CARVALHO, 2016).

Todas as obras acima citadas pelo secretário de Fazenda do governo José Fragelli (1971-1975) representam marcos da arquitetura moderna de Mato Grosso que hoje se encontram demolidas (Verdão), inacabadas (CPA) ou descaracterizadas (Colégio Presidente

Médici), num indício de que os ideais progressistas que elas um dia encarnaram ficaram pelo caminho. Nesse sentido, as obras até hoje inacabadas do Cuyaba Golden Hotel não fogem à sina dos tristes testemunhos desse ciclo de modernização regional, que se poderia dizer amazônico, porque atrelado às vicissitudes dos programas de colonização pública e privada da floresta equatorial.

As arrojadas obras do ramo hoteleiro financiadas pela SUDAM durante os anos 1980, como o Haddad Hotel e o próprio Cuyaba Golden Hotel, ambos na região do CPA, também refletem as limitações dos planos de modernização e expansão da infraestrutura demandados pelo “progresso” pós-BR-163. O Hotel Haddad nasceu de um dos projetos mais inovadoras da sua década,

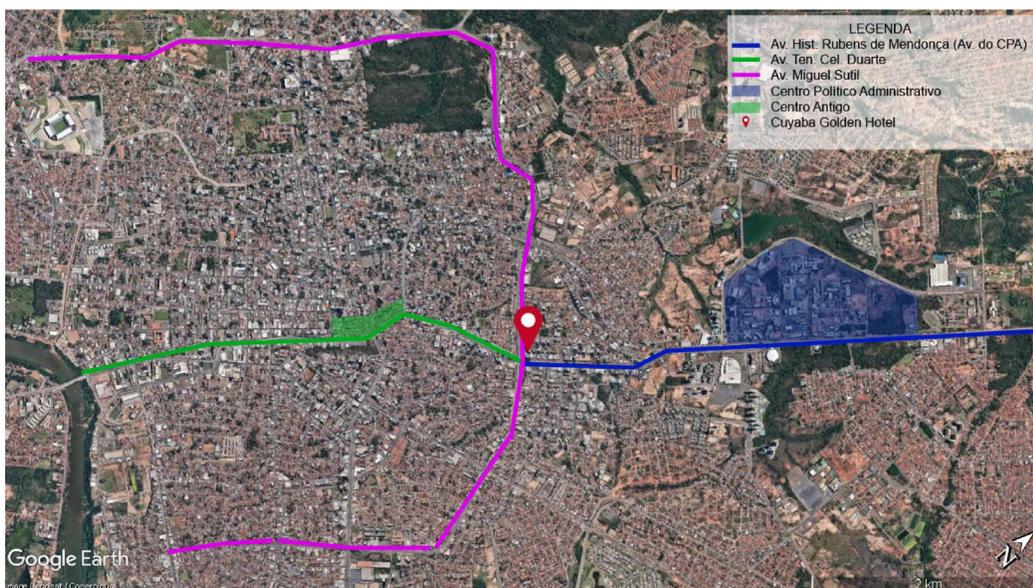


Figura 1 - Localização do Cuyaba Golden Hotel. Fonte: Google Earth (com edição dos autores).

assinado pelo arquiteto cuiabano Mário Gomes Monteiro (n. em 1944). A estrutura do edifício reduz-se hoje a uma intrigante ruína de concreto fincada em um dos mais nobres endereços da cidade, a avenida Historiador Rubens de Mendonça. Curiosamente, suas aletas cegas de concreto aparente, estruturadas em forma de cata-vento, permanecem como um dos principais referenciais arquitetônicos da cidade, como se o estado de ruína apenas reforçasse o brutalismo da inovadora estrutura. As formas estáticas dos edifícios vizinhos, em estilo neoclássico, parecem jovens cadáveres diante do esqueleto dançante do velho hotel. O mesmo se pode dizer do Cuyaba Golden Hotel. Quanto mais suas obras se arrastam no tempo, mais apressadas e superficiais se afiguram os recentes arranha-céus ao redor. Neste artigo, procura-se reconhecer e analisar as qualidades arquitetônicas que distinguem este último hotel, conferindo-lhe atualidade e valor histórico apesar (ou por causa) de sua condição de obra inacabada.

Arquitetura de Mato Grosso: modernidades

Cuiabá é uma cidade de origem mine-radora fundada por bandeirantes pau-

listas em 1719, depois da descoberta de ouro no córrego da Prainha e em outros afluentes dos rios Cuiabá. O núcleo urbano preservou suas feições coloniais até o final do século 19, quando a extração de erva-mate, borracha e outras matérias-primas movimentaram a economia da região. O afluxo de produtos industrializados, mão de obra estrangeira e tendências culturais deram a Cuiabá seus primeiros monumentos de arquitetura eclética, além das melhorias urbanas progressivamente conquistadas nas áreas de transporte, energia, iluminação e abastecimento de água. A série de obras oficiais legadas pela Era Vargas em Cuiabá teve sensível impacto na sua paisagem e na sua infraestrutura urbana, sem, contudo, estabelecer uma ruptura drástica com o tecido anterior da cidade.

A arquitetura moderna só irrompe de fato em Mato Grosso em fins dos anos 1950, com a construção de Brasília e as políticas desenvolvimentistas que a justificaram como vetor de integração econômica e rodoviária do Brasil central. A sede do governo estadual, batizada de Palácio Alencastro, pode ser considerada o marco zero da arquitetura moderna cuiabana. O projeto foi desenvolvido em 1959 no Rio de Janeiro pelos arquitetos Benjamin Araújo de Carvalho

e Karl Sass da URBS – Construções e Urbanismo Ltda (SÁ, 1982). Composto de bloco prismático estruturado em concreto, sete pavimentos sobre pilotis cônicos e fachada frontal dominada por brises horizontais móveis, o Palácio Alencastro foi o primeiro de uma série de realizações modernas locais marcadas pela combinação de leveza, dinamismo e formas puras de inspiração corbusieriana. Dessa “fase carioca” da arquitetura cuiabana, destacam-se ainda a Escola Industrial (atual IFMT), projetada em meados dos anos 1950 na seção técnica do Ministério da Educação, e o edifício Maria Joaquina, cujo projeto arquitetônico foi assinado em 1969 pelo engenheiro Cássio Veiga de Sá (1912-?).

A fase arquitetônica seguinte, de origem paulista, teve início em meados dos anos 1960 com as obras oficiais projetadas ou encomendadas pelo diretor de Obras Públicas do governo Pedro Pedrossian (1966-1971), o arquiteto paulistano Oscar Arine (1932-2013). A forte ligação das cidades sulistas (sede política de Pedrossian) com o Estado vizinho São Paulo ajuda a explicar a linguagem brutalista empregada nas escolas, universidades, postos de saúde e outras realizações

públicas que disseminaram o brutalismo paulista Mato Grosso adentro. O Restaurante da Universidade Federal de Mato Grosso (1969), atual Museu Rondon, projetado por Oscar Arine e Armênio Iranick Arakelian (1936-2013), o Parque Aquático da UFMT (1969)¹, de Avedis Balabanian (1934-1998), a Escola Nilo Póvoas (1971), de Haron Cohen (n. em 1938) e Raymundo de Paschoal (1937-2011) e a Rodoviária de Cuiabá (1979), assinada por Paulo Mendes da Rocha (n. em 1928), Moacyr Freitas e Ercílio Gonçalves de Souza, são algumas das obras que fizeram da racionalidade técnica e do uso intensivo do concreto aparente uma norma.

O projeto do CPA não fez escola em Cuiabá, mas pode, sozinho, ser tratado como uma terceira fase da arquitetura moderna regional. O projeto do CPA foi implantado a partir de 1973 durante o governo José Fragelli para concentrar a estrutura administrativa do Estado em uma ampla e distante área ao norte da cidade. Integravam a equipe de projetistas os arquitetos Júlio De Lamônica Freire (1937-2011), Manuel Perez Santana, José Antônio Lemos, Sérgio de Moraes, Antônio Carlos Carpinteiro,

1 A propósito, consultar CASTOR, Ricardo, FRIGERI, Ana V., GUIMARÃES, Maria Bárbara T. Patrimônio arquitetônico da Universidade Federal do Mato Grosso: obras inaugurais. Revista Amazônia Moderna, Palmas, v. 1, n.1, p. 84-105, abr.-set. 2017.

Antônio Rodrigues Carvalho e Moacyr Freitas, sob a coordenação do engenheiro civil Sátyro Pohl Moreira de Castilho (1930-2005) e assessoria de Frank Svensson (1934-2018) e Paulo Zimbres (n. em 1933). Tratava-se de um grupo formado majoritariamente na Universidade de Brasília, assessorado por professores da mesma instituição. Obra inaugural do CPA, o Palácio Paiaguás foi construído entre 1973 e 1975 como sede do gabinete do governador e secretarias afins. Sua estrutura define-se por uma malha de concreto articulada em módulos de planta quadrada, a serem combinados entre si com liberdade, ao sabor das exigências programáticas do momento. A planta livre haveria de favorecer a adoção de escritórios panorâmicos abertos para a paisagem e a ventilação cruzada, ao passo que o teto jardim e os brises verticais atuariam conjuntamente na contenção do calor. Talvez por se afastar da costumeira monumentalidade dos palácios governamentais, o conjunto do CPA não teve continuidade nas gestões seguintes. Ao invés de crescer indefinidamente como um organismo mutável, reduz-se hoje ao núcleo inicial composto pelo Palácio Paiaguás, Tribunal de Contas e Tribunal de Justiça.

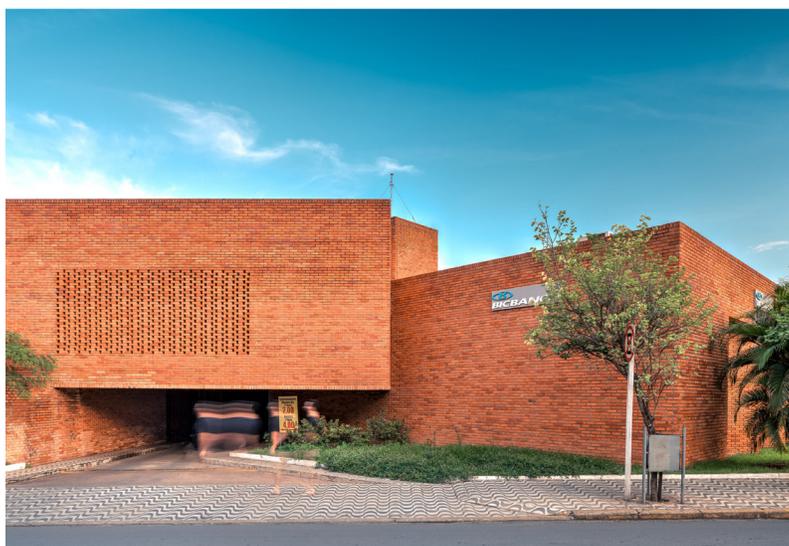
Com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, em 1977, gera-se uma desconfiança quanto ao futuro econômico e social do território remanescente, devido à perda de infraestrutura produtiva e de arrecadação de impostos. Afinal, a porção sul do antigo território de Mato Grosso, então emancipada, representava a parcela mais fértil, próspera, moderna e populosa de sua geografia.

Uma das metas declaradas do governo Frederico Campos (1979-1983) foi restabelecer a autoestima da população mato-grossense, então reduzida a menos de 1.200.000 habitantes espalhados por 38 municípios. A arquitetura e o urbanismo modernos teriam seu papel na estratégia de firmar a identidade de um “novo” Mato Grosso. (CASTOR, 2013, p. 15)

A julgar pela arquitetura que se seguiu à divisão do Estado, a crise a que se refere o governador era também de identidade, uma perda de referenciais acentuada, possivelmente, pelo grande contingente de migrantes que acorriam a Mato Grosso em busca de terras e oportunidades. Afinal, os programas oficiais de estímulo à ocupação das terras amazônicas movimentavam a BR-163, aberta pelos militares do 9º Batalhão de Engenharia de Construção, no início daquela

década. A crise identitária pós-divisão estadual coincide com a migração da pós-integração nacional. A necessidade coletiva de autoafirmação, combinada com as perspectivas de alcançá-la por meio da expansão agrícola, gerou dois caminhos à arquitetura cuiabana, ambos conectados ao panorama nacional. De um lado, obras monumentais flertavam com as novidades técnicas do mercado internacional em ascensão, trazendo ares pretensamente cosmopolitas à Cuiabá dos anos 1980. De outro, obras de cunho regionalistas ou apegados a técnicas tradicionais apontavam na direção oposta. Exemplos dessa última tendência comparecem, de forma isolada, na moderna arquitetura bancária que se alastrava pelo centro histórico desde a anos 1970. O exemplo mais emblemático foi projetado pelo escritório paulistano Königsberger Vannucchi para a agência do extinto banco Comind (Figura 2). Marcado pela horizontalidade e introspecção, o edifício confronta a simplicidade do tijolo aparente como a riqueza da volumetria cuidadosamente recortada, para fins de isolamento térmico e acústico.

As primeiras torres de escritórios e serviços irão se destacar no skyline da cidade por razões inversas, ou seja, por se



afastar de técnicas e tipologias consagradas pelas tradições locais, incluindo as modernistas. As duas torres envidraçadas mais antigas da cidade ilustram bem a mudança de repertório operada nos anos 1980. Batizado de Palácio do Comércio, o edifício de escritórios projetado em 1971 por Adir Moura Ferreira para a sede da Associação Comercial de Cuiabá (ACC) é filho da sua época. Com seus 14 andares em evidência no coração histórico da cidade, o edifício impressionava pela pureza prismática e autonomia, para não dizer indiferença, em relação ao patrimônio preexistente. Apesar de algumas semelhanças com a sede da ACC, o projeto de Rui Fernandes para o Edifício Milão exhibe fachadas curvas de vidro espelhado que o colocam como um dos grandes marcos da década seguinte. A estrutura já não é legível do exterior, posto que a ên-

Figura 2 - Antiga agência do Banco Comind, Cuiabá, projeto Königsberger Vannucchi. Foto: Carlos Blau (2015).

fase recai, agora, sobre o movimento da membrana translúcida que a envolve. A inadequação das fachadas envidraçadas ao clima da região explica a profusão das películas e condicionadores de ar que as degradam.

Explica-se essa inadequação, em parte, pela tendência do mercado imobiliário da época de reproduzir em Cuiabá modelos externos, emprestados dos centros mais influentes do Brasil e do mundo. Se o arquiteto do Edifício Milão se baseou em edifício similar da capital toscana, o projetista do Hotel Haddad teria se inspirado na paisagem urbana de São Paulo (MONTEIRO, 2006). O arquiteto Mário Gomes Monteiro, graduado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1969, optou por uma estrutura introspectiva, com pouca visibilidade para o exterior, composta por empenas cegas de concreto aparente dispostas em forma de cata-vento. Erguida com financiamento pela SUDAM, a estrutura inacabada e arruinada do hotel representa, ainda assim, um dos símbolos arquitetônicos mais eloquentes de sua época (1986) e lugar (avenida do CPA).

A arquitetura do Cuyaba Golden Hotel pede uma análise à parte, mais acurada,

pela complexidade de referenciais e significados que a informam. O edifício representa, com efeito, uma síntese das qualidades que marcaram essa fase de transição da arquitetura local, com a progressiva diversificação dos repertórios técnicos e plásticos das correntes mais ortodoxas do modernismo paulista, carioca e brasiliense. Partilha, como veremos, o racionalismo do primeiro, a expressividade do segundo e a descontinuidade do terceiro.

O empreendimento

Com um projeto datado de 1986, o Cuyaba Golden Hotel tinha como ambição se tornar um dos mais prestigiosos hotéis de Cuiabá. Inovador em sua essência e luxuoso em sua materialidade, o desfecho dessa construção não estava previsto em sua idealização.

Um tanto quanto conturbada, a história do edifício passou por vários imprevistos que o impediram de ser finalizado em uma trajetória que perdura mais de três décadas desde o seu primeiro projeto realizado pelo conhecido escritório paulistano de arquitetura Botti Rubin.

O empreendimento foi idealizado no início da década de 1980 pela família



Figura 3 - Vista da implantação do Cuyaba Golden Hotel.
Foto: Matheus Cruz (2017).

Garcia, conhecida por sua participação na política mato-grossense, bem como pela propriedade da construtora Engglobal e por controlar a empresa Hotéis Global S.A. O hotel ambicionava ser um dos mais luxuosos da capital mato-grossense, além das inovações que traria para a cidade, principalmente na boêmia e importante Avenida Historiador Rubens de Mendonça, onde está implantado (Figura 3).

Desde o projeto até sua execução, a moeda do país sofreu várias mudanças. Contudo, para construção do edifício, a família Garcia contou com recursos federais no valor de aproximadamente R\$ 11,3 milhões, em moeda atual, provenientes do Fundo de Investimento da Amazônia (FINAM), por meio da SUDAM, arrecadados ainda na década de 1980.

No entanto, os imprevistos que causaram as pausas e retomadas, como problemas judiciais, econômicos, ocasionaram diversos acréscimos no orçamento de modo que atualmente torna-se difícil precisar o custo total da obra. Porém, com base em uma estimativa realizada em 2012, ano em que a obra fora retomada para possível finalização em virtude da capital ser uma das cidades-sede

da Copa do Mundo de 2014, o valor calculado foi de aproximadamente R\$ 22 milhões.

Tais valores, diluídos entre as etapas de sua finalização, exigiam uma vasta equipe técnica para sua execução. Baseados no projeto realizado por Alberto Botti, a família Garcia delegou à sua empresa a responsabilidade de concretizar a obra, da fundação até o acabamento. Infelizmente, o hotel ainda não se encontra totalmente acabado, faltando menos de 10% para ser finalizada.

Programa de necessidades, tipologia e estrutura

O prédio apresenta uma volumetria marcante, especialmente no projeto original (Figura 4), onde teria um grande volume envidraçado sustentado por uma estrutura espacial metálica. No edifício executado tal volume foi simplificado e se tornou apenas um plano de vidro que veda a área do lobby, mas ainda assim se torna o aspecto mais chamativo e representativo da fachada.

O edifício pode ser dividido basicamente duas partes: um embasamento horizontal, marcado por um grande terraço que sustenta a área da piscina e

conforma uma marquise de acesso para os veículos e pessoas, e um corpo vertical que contém os eixos de circulação vertical e horizontal e os apartamentos. O amplo uso de concreto aparente e vidro é o que dá a identidade visual do edifício, junto com duas extensas faixas de pastilhas azuis em toda a altura das duas empenas cegas laterais. Os núcleos de circulação vertical deixam sua marca no exterior pelo formato semicircular cortado por um filete de venezianas e pequenas janelas.

O projeto original apresentava dois pavimentos voltados para uso comum, que formam o embasamento horizontal, e foram denominados pelos arquitetos de 1º e 2º térreo. O programa era variado: possuía quatro lojas, barbearia e consultório médico no 1º térreo (Figura 5), que seria de acesso público e, ao adentrar ao lobby, o hóspede encontraria um espaço para café à esquerda e uma escada monumental à direita, que sobe por cima de um amplo espelho d'água.

Alguns metros adiante estaria a recepção e um ambiente de estar (Figura 6) em um átrio central com aproximadamente 22 metros de pé direito, iluminado natu-



Figura 4 - Perspectiva do Cuyaba Golden Hotel desenhada por Edson Issao (1988). Reprodução Matheus Cruz (2017).

Figura 5 - Esquema da planta do térreo do projeto original. Fonte: Redesenho dos autores (2017).

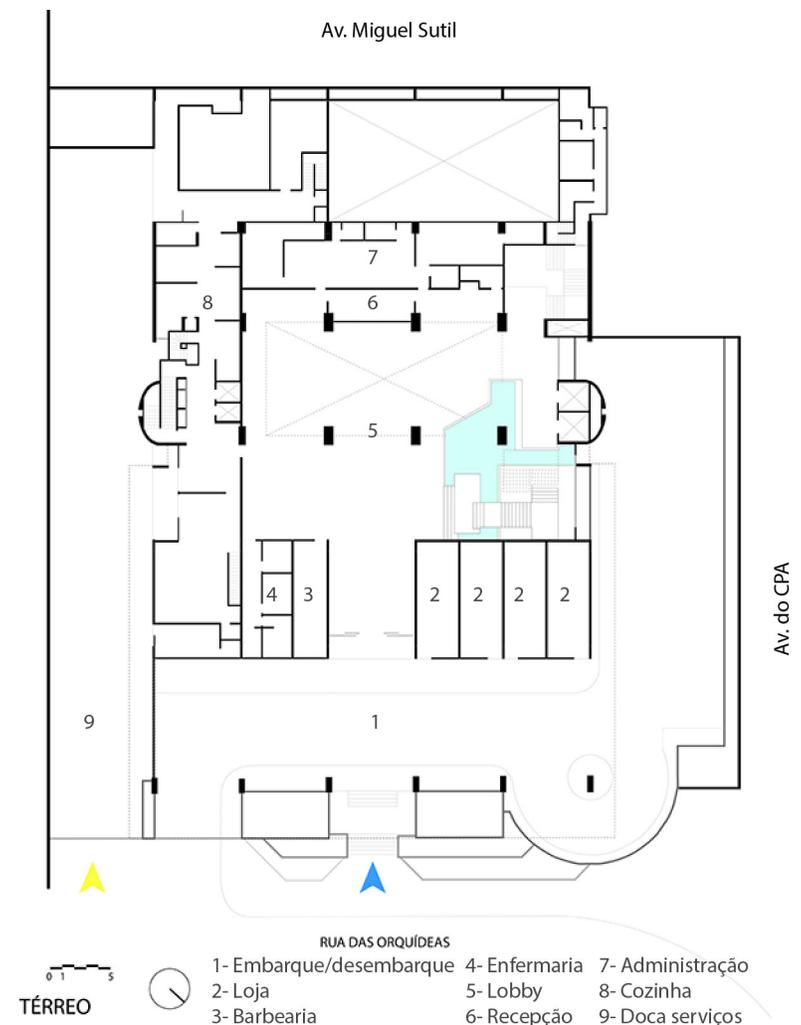


Figura 6 - Lobby
 Fonte: Matheus Cruz (2017).



ralmente pelo amplo pano de vidro da fachada principal.

Ao subir as escadas, poder-se-ia acessar o piso que foi chamado de 2º térreo pelos arquitetos, onde se desenvolve a parte de lazer do programa, composta pelo playground, piscina com duas profundidades, cafeteria e bar da piscina. Na porção posterior, um terraço abrigaria a área de mesas de um restaurante e também um “bar boate”.

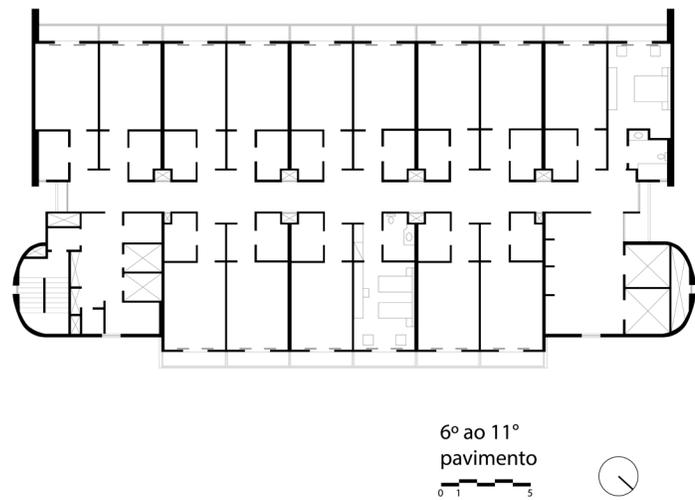
A circulação desenvolve-se de forma bastante direta: o hóspede ou visitante adentra o hotel diretamente pela rua das Orquídeas, subindo dois lances de degraus, ou chega de carro já protegido pela marquise do 2º térreo. Na interface

entre o espaço aberto de desembarque e o fechado do lobby estão localizadas as lojas, todas abertas para a rua. Uma vez dentro do prédio, o acesso aos quartos se dá pela circulação vertical, em ambas extremidades com formato semicircular, sendo o lado para a Avenida do CPA destinado à circulação social e, no seu oposto, à circulação de serviço.

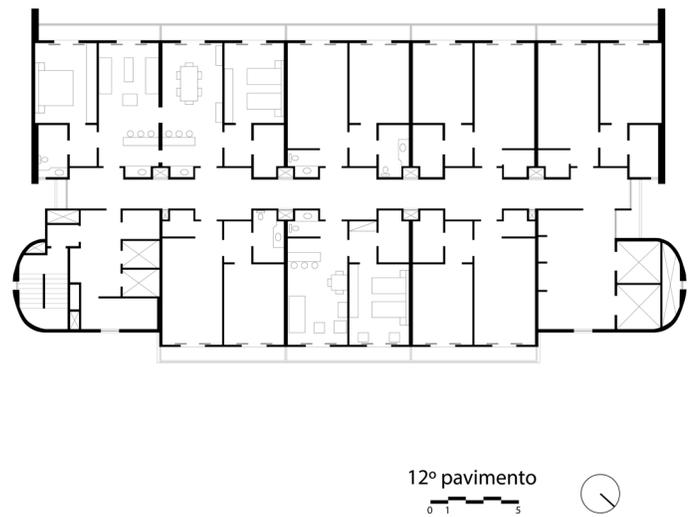
O edifício conta com 159 apartamentos, divididos em: 152 apartamentos-padrão, seis suítes e uma suíte presidencial. Entre o 1º e 4º pavimento os apartamentos estariam dispostos em carga única, ou seja, o acesso aos apartamentos se faz somente de um lado do corredor, ficando o outro lado com vista para o átrio central, com dez apartamentos por andar.

O apartamento padrão possuiria um pequeno hall com acesso para o banheiro e um armário embutido que encaminhava para a área do quarto propriamente dita, basicamente composta por um par de camas individuais, ou uma de casal, um rack em frente as camas que suporta um aparelho de televisão, e um par de poltronas ao lado da porta da sacada. O quarto possui 16,90 m², acrescidos de 4,80 m² de banheiro e 2,75 m² de sacada.

A partir do 5º pavimento os corredores possuem carga dupla, ou seja, o corredor dá acesso a apartamento dos dois lados, e repetem esse mesmo módulo de apartamento até o 11º pavimento, com exceção das unidades número 1, com fachada para a avenida Historiador Rubens de Mendonça, que são adaptadas para o uso de pessoas com deficiência (Figura 7).



No 12º e último pavimento (Figura 8), estão as suítes especiais, que possuem as dimensões de dois apartamentos comuns, e a suíte presidencial, com o tamanho de quatro apartamentos.



Andamento da obra

Os percalços se iniciaram na fundação da obra, quando o engenheiro Marcos Luis Rosa de Figueiredo foi contratado para resolver o problema de desalinhamento da fundação. Esta não foi a única vez em que a obra parou por motivos construtivos. No entanto, há outros fatores que podem ter culminado neste impasse.

Após ser interrompida quatro vezes, em 1992 a SUDAM bloqueou o financiamento da obra. De acordo com o jornal local Midia News (2009), os atuais pro-

prietários da empresa Hotéis Global foram denunciados pelo Ministério Público Federal por estelionato. Segundo a procuradoria, os empresários apresentaram notas fiscais fraudadas para obter o financiamento. A obra foi paralisada novamente em 2001, devido a ações judiciais.

Em entrevista concedida ao jornal O Livre (VARGAS, 2017), Garcia afirmava que o hotel está praticamente concluí-

Figura 7 - Esquema do pavimento tipo do 5º ao 11º andar. Fonte: Redesenho dos autores (2017).

Figura 8 - Esquema do 12º pavimento. Fonte: Redesenho dos autores (2017).

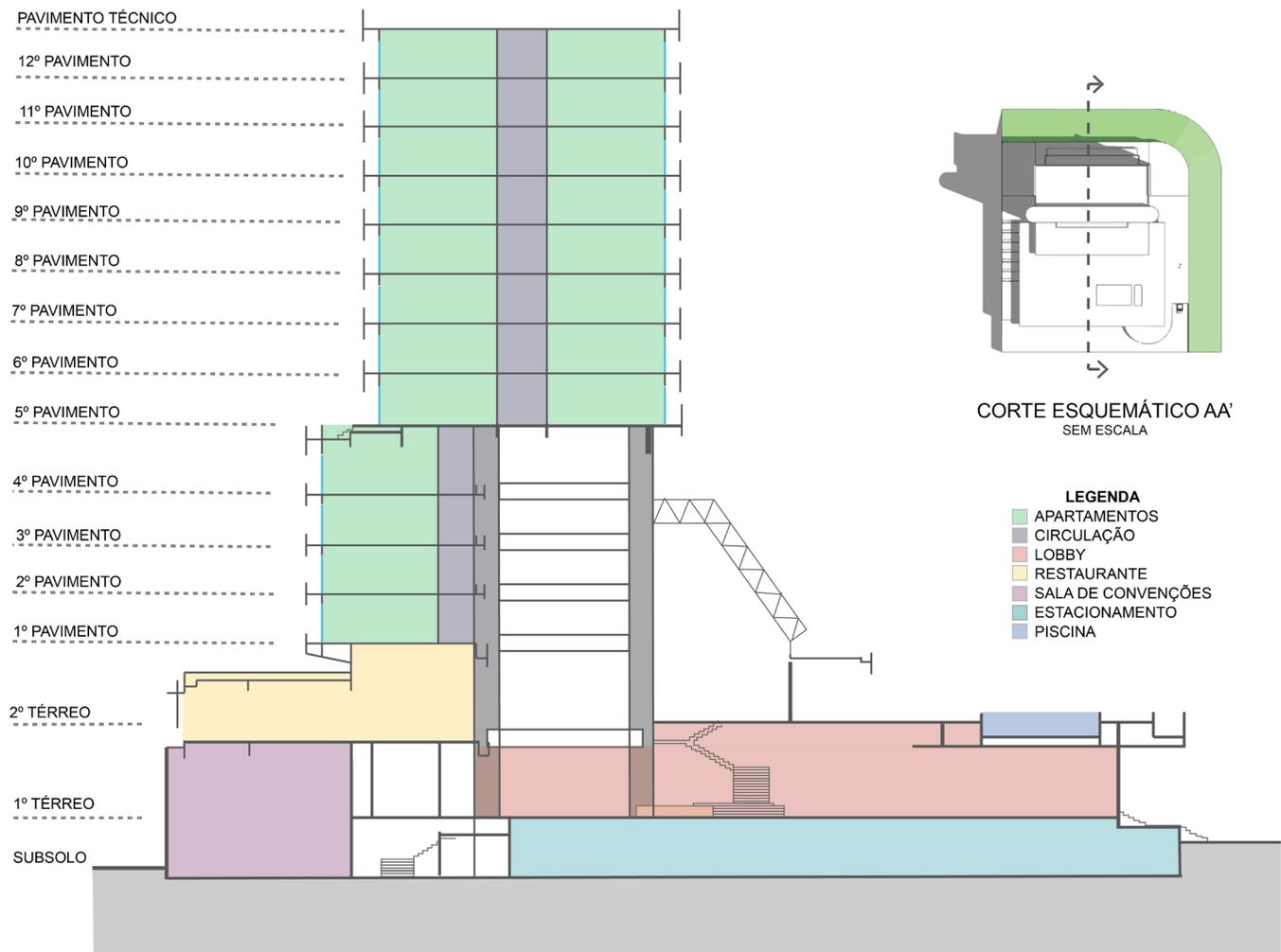


Figura 9 - Corte esquemático do projeto original.
Fonte: Redesenho dos autores (2017).

do: "A obra está com mais de 90% de conclusão. Faltam detalhes de acabamento e o mobiliário". O hotel, porém, não deverá ser inaugurado em curto prazo. De acordo com Garcia, o entrave agora é a crise que afeta o setor. "Como vamos abrir um hotel daquele porte em um momento em que tantos outros estão fechando? Não é a hora", lamentava. A obra chegou a ser retomada algumas vezes ao longo dos anos, inclusive após a divulgação de que Cuiabá se tornaria cidade sede da Copa do Mundo, em 2014.

No entanto, houve várias dificuldades, que seriam óbvias, ao considerar o tempo em que a obra permaneceu paralisada. Nesta ocasião foram estudados projetos de readequação do programa do edifício. Segundo entrevista feito com o arquiteto, urbanista e professor universitário Manuel Perez (SANTANA, 2016), a intenção seria alterar a categoria de hotel de luxo para empresarial, o mais comum na capital mato-grossense, e também mais procurado.

Ao comparar as imagens retirada do Google Street View, de 2010 e 2015, podemos reparar alguns avanços na obra: instalação das esquadrias e do pano de vidro, revestimento nos pilares do térreo e até o paisagismo das floreiras na entrada principal.

Apesar disso, o mercado hoteleiro não foi tão promissor quanto esperado. Segundo um estudo do Fórum de Operadores Hoteleiros do Brasil (FOHB) em 2012, Cuiabá era uma das capitais que correriam o risco de oferta excessiva de hotéis após a Copa do Mundo 2014. Dois anos do evento, o jornal eletrônico G1 (Após 2 anos...2016) noticiou que a rede hoteleira estava em crise, e que a ocupação não chegava a 50% dos leitos. Atualmente o hotel possui toda a parte de estrutura, vedação, esquadrias, e instalações realizadas. Os apartamentos já possuem forro e piso finalizados, restando para concluir apenas os acabamentos das áreas comuns.

A linguagem arquitetônica

Relação com a cidade, implantação, acessos

Como anteriormente mencionado, o terreno é privilegiado ao se localizar na intersecção entre duas das maiores ave-

nidas da cidade. No entanto, o edifício se diferencia ao localizar o seu acesso principal por uma via local lateral, a rua das Orquídeas. Portanto, a torre possui a sua maior dimensão perpendicular à avenida do CPA, ao contrário da maioria dos edifícios dessa via, paralelos à avenida. Tal decisão possibilitou um posicionamento privilegiado tanto do interior do edifício (que possui os quartos com vistas sempre para esta avenida), quando do exterior, que acabou recebendo uma visualização mais completa do edifício. Tal relação só seria possível com esta avenida, uma vez que a avenida Miguel Sutil se encontra elevada em relação ao terreno, por meio de um viaduto.

Acabamento

Apesar de luxuoso, o hotel apresenta acabamentos modestos e sucintos que, por serem muito bem escolhidos e aplicados, dão uma sofisticação especial para o projeto. Simplicidade e requinte era a principal aposta de Botti Rubin, ao se debruçar com imponência diante do cruzamento de duas importantes avenidas da cidade.

Quanto ao interior do hotel, não podemos comentar sobre o acabamento especificado para o lobby no projeto original, uma vez que não obtivemos acesso



Figura 10 - Hall dos apartamentos.
Foto Matheus Cruz (2017).

às plantas de interiores. Contudo, pode-se ressaltar elementos como o espelho d'água que, juntamente com o vazio de quatro andares e uma escada escultural, se tornam por si só elementos chamativos e representativos de toda elegância pretendida pelos autores do projeto.

Os quartos já se encontram acabados atualmente. Observamos o revestimento do piso em madeira laminada, parede pintada em branco e o forro em gesso, juntamente com as portas de madeira e janelas em alumínio. Isso se repete por todos os tipos de quartos, desde o apartamento simples, até à suíte presidencial.

Alterações do projeto

As maiores alterações foram realizadas por sugestões de Manuel Perez, as quais previam a alteração até mesmo da categoria de “5 estrelas” para “Empresarial”. Tais mudanças foram necessárias

para adequar da categoria exigida para o financiamento pela SUDAM para a categoria mais utilizada de hotéis na cidade, mas principalmente, para buscar a viabilidade econômica do projeto. Na opinião de Perez (SANTANA, 2016), algumas partes do programa de necessidades eram inviáveis comercialmente, como a exigência de salão de beleza e boate, além dos quartos, apesar de estarem em um hotel de padrão cinco estrelas, serem pequenos para seu porte.

Já o pano de vidro inclinado, a mais drástica mudança, foi simplificado principalmente para reduzir a insolação recebida, uma vez que se situa na fachada nordeste, mas também, para diminuir gastos com manutenção. O arquiteto chegou a sugerir o acréscimo de mais apartamentos nesta face, o que poderia causar mudanças inimagináveis na fachada do prédio.

Além disso, houve uma outra mudança que modificou o aspecto externo do hotel. O sistema de refrigeração, que seria abastecido por uma central de água gelada, foi alterado para condicionadores de ar individuais do tipo split, a serem instalados em cada apartamento. Para isso, foi sacrificado as sacadas dos quartos, para implementação das lajes técnicas

cas, sem acesso de hóspedes. Volumetricamente, a perda não foi considerável; contudo, a composição das fachadas empobreceu, removendo o verde proporcionado pelas floreiras, dando espaço aos ruídos dos aparelhos de ar condicionado.

Outro aspecto importante do interior do edifício que foi alterado é o espelho d'água do lobby, que fora executado, e posteriormente fechado e nivelado ao piso do ambiente. Segundo Perez, o motivo foi o aumento de umidade ao ambiente, conforme observação de engenheiros mecânicos responsáveis pelo projeto de ar condicionado. Todavia resta a dúvida se não seria mais uma eliminação para viabilizar economicamente o empreendimento.

Entre outras mudanças, alguns ambientes mudaram de uso, como as lojas que se tornaram parte da administração, o restaurante dividido em salas de reuniões, e a recepção mudada para frente da escada do lobby. É previsível que o projeto sofreria alterações ao longo desses trinta anos, por questões de atualizações, mas o nosso foco é salientar as mudanças que afetaram a fidelidade e elegância do projeto arquitetônico original do edifício.

Conclusão

Os dados apresentados permitem dimensionar o lugar da obra analisada na história da arquitetura local e no panorama da arquitetura brasileira dos anos 1980, ao demonstrar o entrelaçamento de duas escalas de abordagem. Na evolução arquitetônica local, a construção do Cuyaba Golden Hotel insere-se na fase de expansão e verticalização urbana da cidade, inaugurada com as primeiras obras do atual campus da Universidade Federal de Mato Grosso e o projeto do CPA, da primeira metade da década de 1970. Suas arquiteturas expressam valores ligados tanto à ortodoxia moderna das primeiras quanto ao estruturalismo do segundo, reinterpretando-os ao seu modo. Viu-se, afinal, que a arquitetura do Cuyaba Golden Hotel incorpora certas distinções da arquitetura moderna paulista dos anos 1950, período em que seus autores se formaram. Dentre essas heranças do brutalismo paulista destacam-se a exploração plástica do concreto aparente e indissociabilidade entre solução estrutural e expressão arquitetônica. Quanto às influências estruturalistas, vislumbra-se a combinação compositiva de estruturas robustas e inflexíveis como outros tantos elementos sujeitos a variações. Tal é o contraste

entre as duas torres laterais de concreto, destinadas aos banheiros e à circulação vertical, e a disposição variável das sacadas que dominam suas fachadas frontal e posterior.

Pode-se inferir que as inovações do projeto arquitetônico para Cuiabá traduzem um momento decisivo na histórica política e econômica do Estado, marcado de um lado pelos incentivos governamentais à ocupação produtiva das terras amazônicas e, de outro, pelas dificuldades de prover a infraestrutura adequada para tanto. Nesse contexto, a arquitetura e urbanismo teriam papel importante no sentido de expressar um futuro diferente, seja no desenho das novas cidades do norte do Estado, seja no redesenho das existentes. A arquitetura do hotel leva o apuro técnico, a qualidade dos acabamentos e o requinte das peles de vidro a patamares inéditos na região, afirmando-se como símbolo de um Mato Grosso que se queria integrado não só com os grandes centros do país, mas também com o mercado internacional de grãos.

Em uma perspectiva mais ampla, de alcance nacional, pôde-se verificar que o projeto em questão representa uma transição entre as duas etapas que divi-

dem a produção do escritório, segundo Camargo (2002): a fase da ortodoxia moderna e a da fase da diversificação do repertório tipológico e tecnológico que define seus recentes projetos corporativos. Demonstrou-se que a arquitetura do hotel tem um pé nos preceitos na simplicidade compositiva e racionalidade técnica de obras como Sede Nestlé Brasil (1961) ou o Residencial Mena Barreto, ambos em São Paulo. Por outro lado, antecipa complexidades morfológicas e soluções de apelo mercadológico consagradas em obras mais recentes como os painéis espelhados do projeto para o Tribunal de Justiça de São Paulo (2005) ou os jogos volumétricos do Edifício Berrini (2001).

Justamente por tratar-se de uma obra intermediária, o projeto do hotel cuiabano sinaliza que os contrastes entre a primeira e a segunda fases de Botti Rubin são apenas aparentes. Os elementos estruturais do Cuyaba Golden Hotel, remanescentes da fase modernista do escritório, constituem o elemento de fundo que dá sustentação ao jogo dinâmico da fachada, cujas inovações técnicas e compositivas responderiam pela expressividade arquitetônica da obra, quando não pelo seu apelo comercial. O desafio enfrentado em ambas as fases do escritório Butti

Rubin talvez não se afaste daquilo que sua obra mato-grossense exhibe de melhor: o equilíbrio entre a eficiência das soluções técnicas (estruturais, construtivas, programáticas e orçamentárias) e a expressividade plástica do conjunto ou, nas palavras do próprio Rubin (apud SABBAG, 2009): “uma mistura de racionalidade com fantasia”. Ora, essa missão unifica as duas supostas fases da carreira da dupla da mesma forma que aproxima os robustos soluções plásticas e es-

truturais do Cuiabá Golden Hotel. Eis porque sua inacabada arquitetura não perde a força e atualidade, em meio a uma paisagem urbana dilacerada entre o novo e o velho Mato Grosso. Em Mato Grosso, o desafio de equilibrar racionalidade e identidade permanece atual.

Referências

APÓS 2 anos da Copa do Mundo, rede hoteleira de Cuiabá enfrenta crise. *G1*, Mato Grosso, 31 jul. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/07/apos-2-anos-da-copa-do-mundo-rede-hoteleira-de-cuiaba-enfrenta-crise.html>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

ALVES, Alexandre. *Cuiabá corre risco de oferta excessiva de hotéis após Copa do Mundo 2014*. Olhar Direto, Sinop, 12 jun. 2012. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Cuiaba_apresenta_risco_de_superoferta_de_hotéis_apos_a_copa&id=263035>. Acesso em: 01 fev. 2018.

CAMARGO, Mônica Junqueira de. 45 anos de *Arquitetura Paulista*. In: Renée Otmar. (Org.). *The Master Architect Series V / Botti Rubin Arquitetos*. Mulgrave: The Images Publishing Group, 2002, p. 26-33.

CARVALHO, Elzis. *Ex-secretário Salomão Amaral conta história da construção do CPA*. Assembleia Legislativa de Mato Grosso. Secretaria de Comunicação

Social. Cuiabá, 2016. Disponível em: <<https://www.al.mt.gov.br/midia/texto/ex-secretario-salomao-amaral-conta-historia-da-construcao-do-cpa/visualizar>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

CASTOR, Ricardo Silveira. *Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos*. 2013. 456 f. Tese (Doutorado em ta Arquitetura e do Urbanismo), Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo.

FREITAS, Moacyr. Cuiabá precisava de ajuda. *Revista do Instituto e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, n. 61, p. 7-43, 2003.

SÁ, Cássio Veiga de. *Memórias de um cuiabano honorário*. São Paulo: Resenha Tributária, 1982.

SABBAG, Haifa Yazigi. *Edifícios corporativos: Landmark - Botti Rubin*. São Paulo: C4, 2009.

SERAPIÃO, Fernando. *O Segredo da Botti Rubin*. In: BOTTI RUBIN Arquitetos. São Paulo: J. J. Carol, 2009.

VARGAS, Rodrigo. Prédios inacabados em Cuiabá intrigam e causam revolta. *O Livre*, Cuiabá, 02 ago. 2017. Disponível em: <<http://olivre.com.br/geral/predios-inacabados-em-cuiaba-intrigam-e-causam-revolta/5713>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

MONTEIRO, Mário Gomes. *Depoimento*. Entrevistador: Ricardo S. Castor. Cuiabá, 2006. 2 cassetes

SANTANA, Manuel Perez. *Depoimento*. Entrevistador: Gabriel Alves R. dos Santos. Cuiabá, 2016.